

ENTREVISTA

Contar e analisar bem as histórias: ensino e pesquisa em Jornalismo na Colômbia

Rafael Schoenherr¹

Karina Janz Woitowicz²

O professor José Francisco Latorre, da Universidade de Rosário, na Colômbia, esteve na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) em 20 de setembro para firmar intenção de convênio de pós-graduação entre as instituições. Fez palestra pela manhã aos estudantes do curso de Jornalismo, quando apresentou resultados de sua pesquisa sobre argumentação e jornalismo. O professor fez graduação e mestrado em Filosofia na Universidade Nacional da Colômbia e atualmente cursa o doutorado em educação nas universidades Distrital, Pedagógica e do Valle.

O professor destacou que, no último concurso docente para jornalismo, em Rosário, um dos aprovados era brasileiro, sinalizando para uma tendência de internacionalização da escola situada em Bogotá. Segundo ele, a Colômbia

¹ Jornalista, mestre em Ciências da Comunicação pela UNISINOS e professor do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). rafaelschoenherr@hotmail.com

² Jornalista, doutora pelo Programa de Doutorado Multidisciplinar da Universidade Federal de Santa Catarina e professora do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

possui 70 faculdades de comunicação e dois programas de pós-graduação em Jornalismo. O pesquisador reconhece diminuição do número de profissionais não graduados atuando no mercado de trabalho em jornalismo no país.

Antes de seguir para a Universidade Federal de Santa Catarina, o professor Latorre aceitou conversar sobre as principais marcas do ensino e da recente pesquisa em jornalismo num país de larga tradição em “contar bem as histórias”.

- Gostaria que o senhor falasse, inicialmente, qual a característica principal do ensino de jornalismo na universidade de Rosário.

A marca nossa é um ciclo básico, como um *college* muito forte e um exercício prático também intenso. De começo, muito estudo de contexto. Sociologia, filosofia, política, história, composição escrita, arte. Uma visão muito universal do conhecimento, ao começo. E logo já muitas práticas de reportagem e produção de notícia. Essa é nossa característica, ao começo formação básica e logo muita prática.

- No Brasil, por muito tempo existiu uma divisão no ensino de jornalismo, entre teoria e prática. No início, havia muita teoria e, depois, se partia para a prática. Isso também aconteceu na Colômbia?

Todavia acontece um pouco. Digamos que, ao começo,

há mais teoria que prática. Temos corrigido, mas se sente essa mesma situação. Um começo com muita teoria. Os estudantes também têm reclamado um pouco desse mesmo divórcio. Temos feito ajustes, agregando práticas de segundo semestre, que tenham contato jornalístico. Mas temos um pouco isso, sim, na Colômbia e na Universidade.

- Essa é uma característica apenas da Universidade de Rosário ou pensas que é de toda a formação em jornalismo no país?

Eu diria que é uma característica do sistema universitário colombiano. Para os médicos, advogados, jornalistas, politólogos. Todos têm muita teoria no início e a prática muito lentamente. É comum em todo país.

- O senhor comentou, em palestra pela manhã, de uma imagem da Colômbia que está em transformação. Os estudantes são preparados para perceber essa transformação?

Eu diria que sim, em termos. Sim, em termos... Cada vez isso é mais claro para a formação, em termos. Em geral, o mundo universitário na Colômbia privado e público é muito crítico. É muito crítico de tudo como se não houvesse mudanças, muitas vezes. Às vezes falamos como se não houvesse mudanças. E temos tido muitas boas mudanças. Diria que eu, talvez, perceba mais porque tenho memória muito boa. Recordo-me muito bem de como era o país há dez anos e para trás. Mas tem gente que viveu e que não recorda como era o país há dez anos. E não recorda por

motivos políticos, porque o presidente Uribe, no meio acadêmico, tem muitos opositores. Não o povo próximo da gente, que sempre está com o presidente. Mas os jornalistas, os opinadores, os comentaristas, sempre estão atacando o presidente. E não reconhecem nada. Que o país mudou com o presidente Uribe, o país mudou. Já é outro país, mais seguro, mais tranquilo, mais próspero. Mas muita gente não quer reconhecer e diz: “sim estamos mudando, mas nos falta, mas nos falta...”. Óbvio que nos falta.

Voltando à pergunta, se a gente percebe a mudança e a transmite: parcialmente sim, mas não como eu queria que devesse ser. Eu sou mais propositivo. Minha posição não é a mais comum. Meus professores, em minha escola, são mais críticos do que eu. E discutimos muito por isso.

- Essa análise da realidade faz parte de alguma disciplina na graduação?

Sim. Em todos os cursos de graduação existe uma ou duas disciplinas de problemas colombianos – problemática colombiana, onde se lida com o que aconteceu um pouco na revolução e tal. Mas volto e repito, a liberdade de cátedra é generosamente crítica (‘falta, falta...’). Está bem, então, mas na Colômbia não é fácil perceber as mudanças. Na cultura não é tão fácil. Há uma ideologia da crítica ‘doa a quem doer’. Eu não estou de acordo, mas em geral acontece assim. A gente critica constantemente. Aqui não é diferente, no Brasil. São críticos, mas menos do que em meu país.

- Existe algum diálogo com outras graduações, alguma conversação entre graduação, mestrado e outras áreas do conhecimento no curso de Jornalismo?

Todos os estudantes de jornalismo têm curso com sociólogos, filósofos, antropólogos, historiadores. E os professores rodam em todos os programas. Há especialidades, mas há possibilidade de cursos. Além disso, existe na universidade dupla titulação, digamos, para que o estudante faça duas carreiras, com ênfases. Terá créditos comuns e pode estudar ciência política e jornalismo, filosofia e jornalismo, sociologia e jornalismo. Pode fazer ênfases, é como uma especialização. É muito comum.

- Como funciona o estágio em jornalismo na Colômbia?

Na Colômbia, a universidade tem convênios com instituições. A universidade é procurada por ONGs, meios de comunicação, ou instituições que nos dizem “queremos fazer um convênio de estágios”. Firmamos um convênio e damos ao estudante um menu, um repertório para que ele escolha e faça, por seis meses, uma prática de trabalho, como se fosse um trabalhador iniciante, com responsabilidades, horários...

- Há remuneração também?

Uma pequena remuneração. Não todos [os convênios]. Curiosamente, os estudantes preferem o estágio mais concorrido, que é a da Revista Semana, que não paga. “Não

paga? Não importa”. Então, muita gente queria e escolheram a um ou dois dos nossos [estudantes], dos melhores. Porque é a revista mais reconhecida. Outro jornal é o *Tiempo*, que também não paga. Os mais prestigiosos não pagam: “quer estar aqui, venha”. E o pessoal vai. A maioria paga um salário mínimo de duzentos a trezentos dólares ao mês para ajudar. Mas nem todos pagam.

- Qual é a situação dos jornalistas no mercado profissional? Também existe uma crise, uma redução de profissionais nas redações na Colômbia?

Na Colômbia se sente um pouco, mas não tanto. Lá a crise dos jornais é menor. Inclusive tem crescido a tiragem de alguns jornais. Tem se sentido a crise em um aspecto: agora os jornais não gastam muitos recursos nas crônicas. Antes pagavam um jornalista e ele gastava uma semana, 15 dias e lhe pagavam tudo para que fosse a um lugar e conhecer. Truman Capote demorou quatro anos fazendo *A Sangue Frio*, não? Pagaram-lhe o tempo. Garcia Marquez fazia isso. Viajavam, faziam crônica, entrevistavam, com um grande texto. Agora não. O jornalista faz pela internet, mandam-lhe fotos. Esse jornalista que tinha recursos existe cada vez menos. Antes, nos jornais, havia unidades investigativas. Eles trabalhavam temas. Digamos, a contratação pública. Então, estudavam a contratação, examinavam, e depois escreviam crônicas do que encontraram. Estudavam o parlamento, procuravam os senadores, representan-

tes, quem contratavam, como gastavam o dinheiro... Eram fiscalizadores e logo publicavam. Por exemplo: como estão os presídios do país. Há algum tempo se fazia isso. Hoje não. Esse jornalismo de profundidade é muito pouco. E aí você sente a crise. Um jornalismo mais barato, com gente mais jovem, que cobra menos. Digamos que essa é a tendência de hoje em dia. Não se fecharam meios [de comunicação] na Colômbia, na verdade. Eles têm se mantido. Alguns cresceram, mas a qualidade da investigação foi um pouco abalada.

- Essas mudanças preocupam a pós-graduação em jornalismo? As pesquisas têm estudado essas mudanças do mercado?

Se há de fato isso, não está vivo no debate e no ativismo esse tipo de problema. Mas se é um objeto de pesquisa de investigação, de parte vem das faculdades e de parte da Associação de Faculdades de Comunicação e Jornalismo da Colômbia (AFACON). A AFACON tem um grupo dedicado a estudar o emprego do jornalista, a situação de trabalho, esse tipo de mercado. Não há muito estudo, mas é parte da agenda.

- A pesquisa tem estudado quais objetos do jornalismo? Existe uma tradição de pesquisa?

Não tem, é muito pouca. Porque na Colômbia o jornalismo é profissional há pouco tempo. Antes era empírico. Intelectuais ou apaixonados pelo ofício, mas não refletiam sobre a

prática e o ofício do jornalista. Era um trabalho e nada mais.

Hoje em dia é um projeto acadêmico que está nas universidades e começarão lentamente estudos da situação do jornalismo. Há investigações sobre a segurança dos jornalistas. Na Colômbia, foi uma profissão perigosa por um tempo. Cada vez menos, já não há jornalista na mira do narcotráfico, como acontecia antes.

- Mas existe uma discussão da relação da imprensa com o narcotráfico, sobre a cobertura do narcotráfico. Isso é parte das preocupações do ensino de jornalismo?

Sim, mas já não se sente tanta ameaça. Hoje em dia, sente-se que o jornalista pode fazer melhor sua tarefa. É curioso. Em um debate na Universidade de Rosario, entre jornalistas de tradição no país, um jornalista dizia que agora não podemos entrevistar a guerrilha. Como se houvesse certo perigo. E outro jornalista dizia: ‘não, o problema de não entrevistá-los é que eles têm medo de serem entrevistados’. Porque hoje há muita tecnologia para detectá-los, então, não querem falar com ninguém. Antes queriam, os entrevistavam muito e tal... Mas agora muito pouco, porque matadores algumas vezes foram detectados por vias eletrônicas e eles já não querem ‘dar a cara’. Corre-se algum perigo, sempre. Mas já não é como antes, que era um perigo latente.

- Estudos colombianos de Comunicação e Cultura, como de Jesus Martin-Barbero, chegaram a afetar os estu-

dos de Jornalismo?

Digamos que não influenciou muito. Martin-Barbero influenciou mais sociólogos e filósofos e menos a prática de jornalismo ou os programas de jornalismo. É um dos elementos, mas não é central, na verdade. O que se tem visto na Colômbia é que há uma certa tradição de contar bem as histórias. E o estudo de como contá-las bem, a análise de como contá-las bem e a construção de uma tradição de bons narradores. Isso sim, em diferentes universidades - como fazer bem o ofício mais do que uma reflexão crítica sobre como está o jornalismo na Colômbia, uma investigação mais prática, digamos.

Em nossa universidade não existe muita investigação em jornalismo, nosso programa é muito novo. Então, os professores estão em suas aulas e destinando tempo para investigação em ética e jornalismo. Está surgindo um grupo, com Denis Breno, de estudo do Twitter e o impacto na política: como o twitter funciona como meio alternativo, com efeito na política, na Colômbia. Nossa escola já está produzindo uma investigação sobre isso. Mas está apenas começando, não temos uma tradição ainda, porque o programa é muito novo.
